

## **Estratégias de Comunicação e Etnojornalismo no Conselho Indígena de Roraima<sup>1</sup>**

Mayra Celina da Silva PEREIRA<sup>2</sup>

Vângela Maria Isidoro de Moraes<sup>3</sup>

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

### **RESUMO**

Este estudo busca averiguar algumas estratégias de comunicação produzidas pelo Conselho Indígena de Roraima (CIR), principal entidade representativa dos povos indígenas da região. Para isso, são analisados os produtos: Informativo Anna Yekaré – Nossa Notícia; Jornal anual Informe CIR; Programa Radiofônico A voz dos Povos indígenas (FM Monte Roraima); e o site do CIR. O questionamento central é saber em que medida essas estratégias têm contribuído para o processo de valorização da identidade dos povos indígenas em Roraima. Outro fator relevante é quanto a abordagem ser realizada por uma pesquisadora indígena, podendo com isso descentrar o lugar hegemônico da análise, tanto em relação ao pesquisador, quanto em relação ao tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conselho Indígena de Roraima; Identidade; Etnia; Visibilidade; Jornalismo.

### **INTRODUÇÃO**

Na perspectiva dos movimentos sociais indígenas, não tem havido da parte dos meios tradicionais de comunicação, especialmente da cobertura local, um esforço em traduzir as necessidades e os direitos das diferentes etnias que vivem em Roraima. A visibilidade produzida pela mídia sobre as disputas entre índios e não índios sobre a homologação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol foi tomada como exemplo para se consolidar um posicionamento contrário aos interesses indígenas nos mais diferentes veículos de comunicação no estado.

Diante disso, ciente de que importantes pesquisadores já se debruçaram sobre a relação entre a mídia convencional e os direitos indígenas, o presente trabalho segue em outra direção, ao propor pesquisar outro tipo de visibilidade, a que vem sendo produzida pelos processos de comunicação a cargo do Conselho Indígena de Roraima (CIR).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXI Congresso de Ciências da Comunicação realizado na Região de 6 a 8 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Recém-graduada em Comunicação Social – Jornalismo da UFRR, e-mail: [mayrawapi@yahoo.com.br](mailto:mayrawapi@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFRR, e-mail: [vangela.morais@ufr.br](mailto:vangela.morais@ufr.br)

Portanto, este trabalho tem o objetivo de coletar e analisar as principais estratégias de comunicação produzidas pela organização indígena pioneira em Roraima. O trabalho encontra-se delimitado sobre quatro produtos midiáticos na promoção dos interesses da organização indígena: o informativo “Anna Yekaré – Nossa Notícia” (primeiro informativo do CIR); o informativo anual “Informe CIR” (voltado para a realização da Assembleia Geral do CIR); o programa radiofônico “A voz dos povos indígenas” (FM Monte Roraima); e o site do CIR<sup>4</sup>. (À exceção do primeiro produto, os demais estão ativos).

O interesse por essas formas de comunicação e seus produtos se apoia sobre o questionamento: Em que medida essas estratégias de comunicação produzidas pelo Conselho Indígena de Roraima têm contribuído para o processo de valorização da identidade dos povos indígenas em Roraima?

Para sistematizar as informações em torno do problema formulado, classifica-se o presente estudo como uma pesquisa exploratória e descritiva, visando apresentar as características do fenômeno “estratégias de comunicação do CIR”, por meio de técnicas padronizadas de coleta de dados sobre os diferentes recursos midiáticos utilizados.

Apontamos a identidade como fator central da pesquisa no processo histórico e contemporâneo. Como diz o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, “[...] Estar em movimento não é mais uma escolha: agora se tornou um requisito indispensável.” (1995, p.11) Desse ponto de vista, comparamos o processo de identidade indígena em ritmo de constante movimentação.

Na perspectiva étnica, Roberto Cardoso de Oliveira define que a

[...] identidade étnica pode ser vista como qualquer outra, cujos portadores sejam membros de grupos minoritários ou socialmente desfavorecidos, possui, não obstante, características muito próprias que lhe conferem uma dimensão essencialmente política. (OLIVEIRA, 1988, p.17)

Nesse contexto, tão importante quanto a identidade é a noção de visibilidade. Thompson (2007) defende que os meios de comunicação elaboram uma nova visibilidade mediada, por meio de ações e acontecimentos cada vez mais difíceis de serem controlados, fato, este, que nos interessa mais de perto, uma vez que essa característica dinamiza e cria novas maneiras de agir e interagir, inclusive no plano das relações com o poder político.

---

<sup>4</sup> Endereço eletrônico: [www.cir.org.br](http://www.cir.org.br)

Para pensar o campo da atuação do etnojornalismo, destacamos as contribuições da indígena Micheli Machado, da Ação dos Jovens Indígenas da Reserva de Dourados, citada na dissertação de Maria Alice Campagnoli Otre:

A importância da comunicação para os povos indígenas é se fazer ouvir, buscar soluções para os problemas, conhecer caminhos para as reivindicações e lutas, e assim fortalecer a comunidade e nos preparar para combater juntos, independente de etnia, pelos nossos ideais. O que nós queremos é usar a tecnologia como uma ajuda para o nosso povo, sem deixar de lado nossa cultura (MACHADO, 2006, p.8)

Dados esses aportes iniciais, entende-se que outra maneira de explicitar a proposta deste trabalho é destacar minha interlocução com o tema, a partir do meu lugar cultural.

## 1.COMO ME PENSO

Identifico-me na luta indígena como Mayra Wapichana, mãe de Myrella, oito anos, minha geração. Pertencço a segunda maior etnia indígena de Roraima, Wapichana<sup>5</sup>. Há 17 anos resido em Boa Vista, mas sou oriunda da comunidade Malacacheta, etnoregião da Serra da Lua, local da minha infância e início da juventude.

Hoje essa forma de me apresentar, refletida e destacada na etnia, não me causa estranheza ou desconforto. Mas para chegar a esse estágio o processo foi complexo e cheio de contradições. Pelo que passo a relembrar de minha experiência, o deslocamento da maloca<sup>6</sup> para a cidade tem se mostrado o fator que mais contribuiu para as oscilações de identidade, por sua fragmentação e reestruturação.

Ter residido na cidade, ao mesmo tempo em que considero uma perda na minha juventude, por não ter crescido junto à minha comunidade, também considero uma conquista, porque no ambiente urbano redescobri a minha história. Não migrei da minha comunidade tendo clareza sobre minha identidade étnica. Em Boa Vista conclui o ensino fundamental e realizei o ensino médio em escola pública. Não chego a dizer que houve uma negação das minhas origens nesse contato com outros não indígenas. O que parece claro é que sofri estranhamentos e esse processo resultou em incertezas sobre mim mesma. Mudaram os meus quadros de referências quando as minhas representações étnicas ainda não haviam amadurecido. Percebia-me indígena, mas faltava-me uma noção mais forte de comunidade. E essa condição, agravada na cidade, despertou uma vontade de sujeito.

<sup>5</sup> Os Wapichana da família Aruak, depois dos Macuxi representam a segunda maior população indígena. É também o segundo maior grupo linguístico dos povos indígenas de Roraima. (PEREIRA, 2003, p.34)

<sup>6</sup> Regionalmente o termo maloca é usado para designar aldeia. (SILVA, 2009, p.13)

Ao dizer isso não excluo da realidade local e urbana os sentidos da perversidade com que os indígenas foram e são tratados. Cheguei a Boa Vista na fase de acirramento dos conflitos pela demarcação da terra indígena Raposa Serra do Sol, de 2000 a 2004, e essa luta em particular gerou uma série de manifestações preconceituosas. O jornalismo local, pelo recorte que fez da realidade e pelas fontes selecionadas, se posicionou fortemente contrário à demarcação da terra indígena, com o argumento de que os direitos indígenas representavam uma ameaça ao desenvolvimento de Roraima.

Em 2005, pela iniciativa de um grupo de jovens indígenas, me envolvi nas atividades da fundação da Organização dos Indígenas da Cidade (ODIC). Pela porta da ODIC ingressei na experiência da militância indígena.

Outro ambiente marcante nesse processo deu-se na esfera familiar, por meio de minha mãe, Helena da Silva Pereira (*in memoriam*). Um diálogo provocado por uma situação específica que com ela compartilhei. Durante a realização de uma pesquisa do IBGE, quando na resposta ao formulário, o pesquisador me perguntou qual era a etnia da minha mãe, eu respondi que era Macuxi. Mas a resposta seguiu incorreta, concluí que minha mãe seria Macuxi porque esta é a referência que geralmente se dá às pessoas que moram em Roraima, por ser o maior número de indígenas pertencentes a essa etnia. Ela me esclareceu que o senso comum não era a nossa etnia.

No auge da trajetória na ODIC veio a oportunidade de obter experiência na Organização dos Professores Indígenas de Roraima (OPIRR). Dessa experiência na OPIRR, vieram outras oportunidades. Por fim, a fase no Conselho Indígena de Roraima - CIR, iniciando em 2005 até 2008, retornando em 2013, após um período na Coordenação Regional da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, em Roraima. Participar do CIR envolveu autoafirmação, compromisso, valorização e respeito à causa indígena.

E chegando a unir os sentidos, tornei-me aluna da Universidade Federal de Roraima, ao ingressar na primeira turma de estudantes do Processo Seletivo Indígena (PSEI)<sup>7</sup>, no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, em 2010. A experiência que veio com a academia me proporcionou a oportunidade de atuar no Setor de Comunicação do Conselho Indígena de Roraima. Entendo que o encontro dessas experiências tem me colocando de frente com os desafios da comunicação e do jornalismo. Esses dois cenários criaram a necessidade de compreender a relação entre a discursividade indígena e a mídia

---

<sup>7</sup> PSEI é uma modalidade de ingresso diferenciado dos indígenas no ensino superior aprovado em 2006. O PSEI, advindo do Programa E`ma Pia”, por meio do então Núcleo, hoje chamado de Instituto Insikiran, atende a oferta de vagas nos cursos de graduação da UFRR.

convencional e, mais: têm incentivado a buscar possibilidades alternativas de comunicação que possam fortalecer o movimento e as causas indígenas.

## **2. O CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA: ORGANIZAÇÃO E VISIBILIDADE**

A criação do CIR começa a partir da movimentação no cenário nacional, por meio da articulação de lideranças indígenas que buscavam romper o silêncio da presença dos povos indígenas na realidade brasileira. Conforme conta a historiadora Zineide Sarmiento Pereira, há três pontos relevantes para essa construção histórica: a realização de assembleias em todo o país; a emergência das assembleias indígenas, colocando em evidência a presença histórica e atual dos indígenas no cenário político nacional, trazendo à tona antigas reivindicações como demarcação e garantia de terras, saúde, educação e incorporando diferentes aspectos do cotidiano; e por fim, evidenciando a desconexão entre um discurso oficial de “proteção” ao indígena e a sua realidade. (PEREIRA, 2003, p. 50)

Na esfera regional, a organização nasce da coletividade, da decisão a partir das bases. A Igreja Católica, por meio da Diocese de Roraima, foi a instituição incentivadora desse processo de organização. A trajetória do movimento indígena local aos poucos foi se constituindo com o I Conselho Regional, surgido na aldeia Maturuca, região das Serras (hoje Terra Indígena Raposa Serra do Sol), no ano de 1977. Nessa reunião foram debatidos, dentre outros assuntos, a bebida alcoólica, à época considerada como uma doença nas comunidades indígenas. Apesar de algumas superações, até hoje o problema persiste.

A criação histórica se dá pelo nome de Conselho Indígena do Território de Roraima – CINTER, em 1987, em seguida, com a mudança para Estado de Roraima, em 1988, tornou-se Conselho Indígena de Roraima – CIR. De acordo com o historiador Raimundo Nonato Gomes Santos, a criação do CINTER inaugura a construção de uma nova identidade indígena em Roraima. Um espaço construído entre indígenas e indigenistas, contando, especialmente, com o apoio de missionários da Consolata, da Igreja Católica. (SANTOS, 2003, p. 133)

As Assembleias Indígenas são consideradas a primeira e maior atividade coletiva dos povos indígenas de Roraima, realizadas sempre no início do ano para debater diversos assuntos, buscando manter a participação de parceiros e convidados em busca de respostas às comunidades indígenas. Entre os principais atores das Assembleias, destaca-se o Tuxaua, que tem o poder de voz e voto nos eventos. (SANTOS, 2003, p. 139) Conforme Santos, para a função do tuxaua não existia um manual ou regras prontas. Tratava-se de uma

experiência que se aprendia vivendo. Cada comunidade e cada desafio exigiam as suas próprias estratégias e estas, muitas vezes, só eram conhecidas na hora em que o problema surgia ou pedia determinada resposta. (SANTOS, 2003, p. 140).

Como parte da trajetória histórica do que hoje conhecemos como Conselho Indígena de Roraima há uma série de episódios de injustiça e violência contra os povos indígenas, de tal modo a incentivar a organização e o movimento. Essas dificuldades históricas têm marcas em diferentes regiões. Para Santilli (1997), estas ações anti-indígenas foram enfrentadas pela crescente organização, que também teve seus problemas e divisões. Repetto apresenta trecho da entrevista feita com o líder Euclides Pereira<sup>8</sup> que disse: “a força do inimigo foi um dos elementos que fortaleceram o movimento das organizações indígenas em Roraima”.

## 2.1 O CIR na gestão das novas lideranças indígenas

O Conselho Indígena de Roraima – CIR registrado em cartório sobre os termos do artigo 232 da Constituição Federal Brasileira é uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos, sem vínculos políticos ou religiosos. De acordo com o Estatuto Social do CIR, reformulado em 2013, é garantida a participação dos povos indígenas: Ingaricó, Macuxi, Yekuana, Patamona, Saporá, Taureang, Wapichana, Wai-Wai, Yanomami e outros povos existentes no Estado de Roraima. O principal objetivo da organização é defender os direitos e interesses dos povos indígenas, tendo representatividade legítima e absoluta, nas esferas extrajudicial e judicial.

A organização indígena é feita pelas instâncias consultivas e deliberativas: Assembleia Geral; Coordenação Ampliada; Coordenação Geral; Conselhos Regionais; Conselho Fiscal. Cada instância tem a sua competência. A Assembleia Geral é o órgão máximo de deliberações do Conselho Indígena de Roraima composto pelas lideranças de bases aptas à voz e voto, conforme escolha das comunidades. Entre as lideranças indígenas, constam como membro o Tuxaua ou vice-tuxaua, membros da coordenação geral do CIR, três membros dos Conselhos Regionais, coordenadores ou vice-coordenadores dos animadores, agentes indígenas de saúde, professores, membros do projeto do Gado, mulheres indígenas regionais, diretores dos Centros Regionais de Educação Escolar

---

<sup>8</sup> Primeiro Secretário do Conselho Indígena de Roraima, década de 1990; Ex-coordenador da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB); e ex-coordenador do Conselho Indígena de Roraima (CIR).

Indígena, membros do Conselho Fiscal e um membro da coordenação do Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol – CIFCRSS.

A população indígena do Estado de Roraima chega a 56.470 indígenas, localizados em 463 comunidades indígenas, numa extensão territorial de 10.344.320 hectares.<sup>9</sup> Dessas 463 comunidades indígenas, 235 são membros do CIR e estão localizadas em etnoregiões como Serras, Baixo Cotingo, Surumu, Raposa, Taiano, Serra da Lua, Amajari, Murupu, São Marcos, Wai-Wai e Yanomami. Essas três últimas têm suas formas próprias de organização: Associação dos Povos Indígenas da Terra São Marcos (APITSM), Associação do Povo Indígena Wai-Wai (APIW) e Hutukara Associação Yanomami (HAY), incluindo, o povo Ingaricó que também tem uma organização própria, Conselho do Povo Ingaricó (COPING). Todavia, todas fazem parte como organização indígena parceira na defesa dos direitos indígenas dos povos de Roraima.

Há cinco anos o CIR é coordenado pela mesma coordenação geral, chegando ao terceiro mandato consecutivo. Fazem parte da nova geração de coordenadores do CIR: Mario Nicacio (Coordenador Geral), do povo indígena Wapichana, da comunidade indígena Pium, região da Serra da Lua, Terra Indígena Manoá-Pim; Ivaldo André (Vice-coordenador), do povo indígena Macuxi, da comunidade indígena Maturuca, região das Serras, Terra Indígena Raposa Serra do Sol; e Telma Marques da Silva (Secretária do Movimento de Mulheres Indígenas), do povo indígena Taurepang, da comunidade indígena Mangueira, região do Amajari, Terra Indígena Araçá. A coordenação mais diversa nessa trajetória do CIR, a considerar as três etnias e as diferentes regiões de origens.

### **3. AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DO CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA**

O etnojournalismo tende a ser um agente dinâmico na busca pelo reconhecimento das nossas reivindicações, principalmente, aqui no Brasil, onde não encontramos a ressonância necessária na grande mídia. Portanto, a ideia de pensar no etnojournalismo “surge pela possibilidade de trabalhar a comunicação em uma outra vertente, que não priorize apenas um mecanismo comunicacional, mas que abranja todos, seja ele agente, processo, produto ou meio de comunicação”. (OLIVEIRA, 2014, p.19).

---

<sup>9</sup> Fonte: DSEI Leste de Roraima e DSEI Yanomami / SESAI / MS - 15.07.2014.

A proposta de coletar e apresentar as estratégias de comunicação produzidas pelo Conselho Indígena de Roraima (CIR) é ter o entendimento, sobretudo, de que nós, indígenas, temos a nossa forma de organização e de comunicação com os demais.

### **3.1 Informativo Anna Yekaré – Nossa Notícia**

A abordagem sobre essa iniciativa contempla a perspectiva histórica, enquanto mídia alternativa utilizada pelas nossas lideranças indígenas nos princípios da trajetória de luta pelo reconhecimento dos nossos direitos em Roraima. Embora este produto não mais esteja ativo no rol atual das estratégias de comunicação indígena do CIR, sua descrição atenta para a possibilidade de ser reativado. Relembrar o “Anna Yekaré” é também uma estratégia para motivar o seu ressurgimento.

O Jornal Anna Yekaré, nome escrito na língua Macuxi que significa “Nossa Notícia”, é uma publicação de defesa dos direitos indígenas produzido nos primórdios da década de 1990. A origem vem do Centro de Informação da Diocese de Roraima (CIDR), produzido pela equipe de Comunicação desse Centro com material oriundo das próprias lideranças indígenas do CIR. As fontes das informações ficavam sob a responsabilidade do Conselho Indígena de Roraima (CIR).

No editorial estava sua proposta: “É um meio de comunicação de índio para o índio, é a maneira pela qual o índio manda suas notícias para outras comunidades do estado ou de outro estado. Portanto é muito claro para entender, na nossa língua Macuxi, Anna Yekaré” (Editorial, 1990, Ano 1, nº 1, p.2)

A primeira publicação é reflexo de toda violência ocorrida no Estado de Roraima na década de 1990; violência de ordem diversa, física, psicológica, social e, principalmente, cultural. As publicações demonstram uma consistente luta indígena. Uma série de conflitos marcados por duas frentes de luta: as demarcações de terra (Raposa Serra do Sol, Yanomami e São Marcos) e a pauta das reivindicações em relação à educação, saúde, sustentabilidade, organização social e outras enfrentadas pelas comunidades indígenas.

A duração do impresso se deu de 1990 a 2010. Sua circulação era restrita e interna, sendo o jornal publicado mensalmente somente nas comunidades indígenas. Nesse período houve lapsos na manutenção da periodicidade do Anna Yekaré, não sendo possível pela

pesquisa identificar quais os períodos em que não houve produção, limitando-se ao material localizado<sup>10</sup>.

As primeiras edições do informativo, de 1990 até 1992, foram rodadas no tamanho A4 e papel off-set. O material era datilografado, em máquinas manuais. As últimas edições, já no tamanho A3, foram impressas em papel jornal, digitalizado e colorido.

O informativo possuía uma quantidade de 4 a 8 páginas. As primeiras edições com 8 páginas e as últimas edições com 4 páginas, o que pode demonstrar a perda de fôlego dos últimos anos para garantir conteúdo e funcionalidade. As seções eram destacadas na primeira página, atendendo ao gênero informativo/noticioso e de entretenimento.

Quanto às editorias eram divididas de acordo com o assunto em cada edição, conforme descrito no Editorial: Demarcação; Direito; Política; Saúde; Educação; e Cultura (Lendas). No expediente, a indicação da produção do Conselho Indígena de Roraima, com o endereço da sede da organização e os contatos.

O Informativo em suas primeiras edições utilizava-se de um recurso bastante estratégico, as charges, de assinatura do artista plástico Bartolomeu da Silva Tomaz, o Bartô, ilustrando sobre cada assunto. Consideravelmente, as charges eram o diferencial do Informativo. As edições a partir do ano de 1995, já contavam com o uso da fotografia, embora a edição do ano de 1998, ainda tenha tido a charge, com a assinatura de Alesandro.

A tiragem variava em torno de 1.000 a 2.500 exemplares, a cada ano. A circulação era mensal, no entanto, teve época que não foi possível atender a periodicidade, passando a ser feito no ano seguinte.

Alguns campos temáticos abordavam: A importância da Organização; Demarcação da Área Única Já; Continua o Martírio da Maloca Santa Cruz. Educação Indígena; Política Partidária; Informe (Comunidades Indígenas Carapuru e Congresso). Saúde; Política Partidária; Fatos ocorridos nas aldeias Santa Cruz; Lendas.

### 3.2 Informativo CIR – Assembleia Geral

Descrevo-o a partir do ano de 2014, quando a produção desse Informativo impresso passou à minha responsabilidade, ao atuar na Assessoria de Comunicação do CIR desde

---

<sup>10</sup> Por meio do levantamento de dados, tive acesso às edições: Abril de 1990 – Ano 1 N° 1; Maio de 1990- Ano 1 N° 2; Agosto de 1990 – Ano 1 N° 4; Novembro de 1991 – Ano 2 N° 17; Janeiro/Fevereiro/Março de 1992 – Ano 3 N° 1,2 e 3; Agosto de 1995 – Ano 4 N° 01; Junho de 1998 – Ano 3 N° 7; Julho de 1998 – Ano 3 N°8; Fevereiro de 1999 – Ano 6 N° 10; Março e Abril de 2000 – Ano 7 N° 18;

2013, na função de estagiária. Porém, as edições anteriores 2012, 2011, 2010 foram produzidas pelo jornalista Jessé Souza.

O informativo tem como finalidade divulgar as atividades do CIR nas comunidades indígenas, os projetos executados pelos Departamentos Ambiental e Territorial, Jurídico, pela Secretaria do Movimento de Mulheres Indígenas e coordenação geral do CIR. Além disso, as atividades no âmbito do Movimento Indígena de Roraima.

As edições passaram a ter o formato de A4 e A3, utilizando papel couchê ou off-set. A mudança de formato do informativo se dá na tentativa de encontrar o material mais acessível às lideranças indígenas que nem sempre conseguem ter acesso ao conteúdo, pelo tamanho da letra e quantidade de informação. A quantidade de páginas varia de acordo com o formato, ou quantidade de material, às vezes utilizamos 4 páginas, em outras chegamos a produzir até 8 páginas.

Nas matérias são utilizadas fotografias legendadas e não há uso de charges e nem espaços para leitores. O conteúdo das matérias tem a característica mais informativa, mas com tom interpretativo de cada assunto. Geralmente, existe o uso de fontes, ou seja, sempre busco priorizar as falas dos coordenadores e das lideranças indígenas.

A tiragem fica em torno 1500 a 2 mil exemplares. A distribuição é feita sempre nas Assembleias Gerais, mas na edição do segundo semestre de 2015, a distribuição ocorreu na II Reunião Ampliada do CIR, realizada na sede da organização indígena em Boa Vista.

Sendo um informativo vinculado a Assembleia Geral, a periodicidade é anual, mas no último ano de 2015, produzimos uma edição no semestre e de acordo com a proposta de aumentar o fluxo de informações nas comunidades indígenas, é certo que passará a ser produzido semestralmente.

Para a produção do informativo, a coleta de informações inicia-se nos próprios Departamentos, principalmente, nas atividades executadas nas regiões, ou nos locais dos encontros, seja nas comunidades indígenas, na cidade e em outros Estados.

A Assessoria tem disponível equipamentos como câmera fotográfica, gravador e notebook e acesso à internet para o uso destinado à circulação das informações nas demais mídias a cargo do CIR, tais como o site, rede social e programa de rádio.

A minha atuação na Assessoria de Comunicação tem uma missão e desafio para cumprir com os serviços de comunicação da organização pelos seguintes motivos: Primeiro, o funcionamento da Assessoria de Comunicação não foi consolidado pelas dificuldades estruturais, pois ainda não se dispõe de uma sala própria; segundo, existem também as

dificuldades de equipe, uma vez que não há um grupo ativo, o funcionamento do setor se faz apenas com uma pessoa, contratada como Assistente de Comunicação, a partir de abril de 2015. Isso significa que o processo de produção fica exclusivamente sob minha responsabilidade.

No entanto, conto com a colaboração do coordenador de Projeto, Paulo Daniel, na edição das matérias e do diagramador Nazareno Neves, contratado como prestador de serviço. Outras contribuições vêm dos comunicadores indígenas que estão nas suas regiões, e que atuam no registro específicos de atividades realizadas nas comunidades indígenas.

Alguns campos temáticos abordaram: Encontro dos Povos Indígenas na Fronteira, Brasil, Guiana e Venezuela; Projeto Aves na região do Murupu; Orçamento destinado às ações voltadas as mulheres indígenas; Projeto Água: Famílias são beneficiadas na região do Murupu com o projeto Água; Fortalecendo a luta para garantir os direitos indígenas – Assembleia da COIAB em Umutina, Mato Grosso; Articulando com autoridades da Espanha; Galeria de Fotos da Mobilização Indígena do Sabiá na Terra Indígena São Marcos.

### 3.3 Site do CIR

O site do Conselho Indígena de Roraima - CIR, a partir do ano 2002, também surgiu com a missão de ser mais uma ferramenta midiática para uso em rede na defesa dos direitos indígenas que até hoje, embora com as suas fragilidades de funcionamento, ainda está no ar e deverá permanecer por muito já que, segundo o jornalista indígena Jessé Souza, o “caminho da comunicação indígena é a internet.”

A partir dessa necessidade do fluxo em rede, surgiu o domínio: <http://www.cir.org.br/>. A natureza do domínio é de web site, institucional não governamental, sem fins lucrativos, criado no sistema “Joomla”, um sistema de gestão de sítios web.<sup>11</sup>

A plataforma adquirida tem um domínio único “cir.org.br”, existente há mais de 15 anos, porém, houve a reativação em 2012, após o cancelamento da página anterior. O cancelamento desse domínio prejudicou o armazenamento de todo o material, fotos, vídeos, artigos, matérias jornalísticas, causando a perda desses conteúdos anteriores à mudança.

Em 2012 um novo projeto foi elaborado por Jessé Souza. Nesse projeto, um contexto específico para a dinâmica de atuação do CIR. A administração do site, logo

---

<sup>11</sup> Informação disponível: <http://www.joomlapt.com/portal/descobrir-o-joomla/2012-01-28-23-26-14.html>

quando foi inaugurado, estava na responsabilidade de um membro do CIR, Junior Nicacio, que manuseava a plataforma. Em 2013, houve um evento chamado “Intercâmbio Cultural” na sede do CIR, nesta ocasião a página foi reinaugurada.

Quanto à estrutura desse produto, confesso que tenho dificuldade para manuseá-lo. A meu ver, o sistema tem uma estrutura complicada e ao mesmo tempo, a diversidade de elementos contidos no próprio site o torna mais difícil.

O layout do site constitui-se de fotos históricas, as bordas em cor marrom, dando a tonalidade do artesanato, buscando a criação de uma identidade própria da página no contexto organizacional. Ainda não foi possível criar um ambiente interativo no site, apesar de ter o link “Fale conosco”.

Nesse projeto, a página contém os links disponíveis para a publicação das ações de cada região de atuação do CIR, conforme citadas na barra de cima, um link do CIR, da Assembleia Geral, do Informativo, fotos e vídeos.

A atualização até o momento só funciona com a publicação de matérias, sem fotos, no link “Últimas Notícias”. Infelizmente, o fluxo de notícias é muito baixo, uma ou duas matérias a cada semana, ação que compromete a sua funcionalidade instantânea.

A noção de funcionalidade que se tem sobre o site é o próprio nome “site do CIR”, o que favorece um acesso mais amplo. Porém, o baixo fluxo de atualização também compromete um acesso mais constante.

Alguns campos temáticos abordaram: Atividades executadas pela organização na área ambiental, territorial, jurídica; Atividades regionais e comunitárias; Articulação e mobilização nacional e internacional; Saúde; Educação; Cultura; Serviço de utilidade às comunidades indígenas.

### **3.4 Programa radiofônico “A Voz dos Povos Indígenas”**

Esse espaço na frequência 107,9 nasceu juntamente com a própria emissora Rádio FM Monte Roraima, em 2002, por meio do antigo programa “Todos os Povos”, existente na rádio até 2009/2010. Esse programa, específico da Assessoria de Comunicação do CIR, tinha apresentação do Assessor de Comunicação do CIR, o jornalista André Vasconcelos e assistente de comunicação, Davison Buckley, do povo indígena Wapichana.

Após a saída do assistente de Comunicação em 2005, passando a função à minha responsabilidade, atuei entre 2006 e 2007 com o jornalista André Vasconcelos. Com a saída do André Vasconcelos da Assessoria de Comunicação do CIR em 2007, atuei no Programa

até o final de 2008, quando também me ausentei da organização indígena. Depois disso, ficamos sem esse canal radiofônico que veiculasse as informações sobre as questões indígenas.

Somente em outubro de 2012 o espaço foi retomado a partir da iniciativa de integrantes da entidade social Equipe Itinerante e Pastoral Indigenista da Diocese que buscaram junto ao CIR firmar o compromisso de dar voz as nossas questões indígenas.

O Programa A Voz dos Povos Indígenas tem um alcance em toda cidade de Boa Vista, comunidades indígenas próximas como Tabalascada, Malacacheta, Canauanim, Jabuti, localizadas nos municípios de Cantá e Bomfim, além de comunidades indígenas localizadas no município de Boa Vista, Serra da Moça, Anzol, Vista Alegre, Campos Alegre, Vida Nova e as demais pertencentes às regiões do Murupu e Baixo São Marcos.

O Programa é semanal, vai ao ar toda segunda-feira, das 13h:20 às 13h:55, portanto com a duração de 35 minutos. Dividido geralmente em três blocos.

Alguns campos temáticos abordaram: Terra; Direitos Indígenas; Cultura; Meio Ambiente; Saúde e Educação Indígena.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa, além de nos colocar frente a nossa própria história, tanto local quanto nacional, serve-nos para aprofundá-la cada vez mais, na tentativa de mantê-la sempre viva, assim como a nossa cultura, os costumes e as tradições, perpassadas de geração em geração.

Então, pensar os instrumentos da comunicação não é só pensar no uso como um canal de informação e interação com a sociedade, mas é pensar em mudança, transformação e construção de uma nova realidade, seja do ponto vista social, cultural, político ou econômico.

O CIR, embora disponha de uma estrutura de comunicação a serviço das comunidades indígenas e da própria organização, não consegue atender as demais demandas indígenas existentes no estado. Por isso, é necessário que, assim como a terra, a saúde, educação, sustentabilidade e outros temas relevantes, tais como a comunicação precisa ser levada para o centro de debate no âmbito do próprio Movimento Indígena local.

Precisamos fortalecer e construir novas formas de dar visibilidade as nossas ações, mostrar para o Mundo o nosso modo de viver, de pensar e de agir, um modo único e diferenciado.

As mídias que temos: informativos, site, programa de rádio e outras iniciativas, sem dúvida configuram uma conquista, mas que precisa ser aprimorada e ter um bom uso de maneira diversificada e com a participação dos membros comunitários: tuxauas, mulheres, jovens, crianças e anciãos.

A partir da noção prática da produção midiática é possível acreditar no aprimoramento de cada uma, seja na parte visual, escrita, sonoridade, agilidade, circulação e outras práticas específicas dos meios de comunicação, principalmente, no aprimoramento e atuação de mais comunicadores, jornalistas indígenas, para sermos e continuarmos sendo porta-vozes das nossas comunidades indígenas, por meio de uma linguagem e produção legítima, com ideias inovadoras produzidas e construídas por nós, indígenas.

Por fim, com a real clareza da potencialidade midiática, convido os demais comunicadores, jornalistas indígenas, a somarem e construir com conosco um novo formato de mídia capaz de ser o nosso canal de informação, construção e transformação social, seja na mídia impressa, virtual, audiovisual, radiofônica, e que possamos assim, cumprir com a nossa responsabilidade social junto ao nosso povo indígena e a sociedade envolvente.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt, 1995-**Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Zygmunt Bauman; tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 11.ed. DP&A, 2006.
- LIMA, Maria Goretti Leite de. **O índio na mídia impressa em Roraima**. Boa Vista. Ed.UFRR, 2008.
- LIMA, Antônio Carlos de Souza & BARROSO-HOFFMANN, Maria (org.). **Etnodesenvolvimento e políticas públicas**: bases para uma nova política indigenista. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/LACED, 2002.
- MACHADO, Micheli Alves. **A tecnologia e a comunicação nas comunidades indígenas**. 17 de outubro de 2006b. <http://www.ajindo.blogspot.com/>. Acesso em: 19/01/2008.
- OLIVEIRA, Bruno Pacheco de. **Quebra a cabaça e espalha a semente**: desafios para um protagonismo indígena/Bruno Pacheco de Oliveira. -1 ed.-Rio de Janeiro: E-Papers 2015.
- OLIVEIRA, Cristina Nascimento. **Comunicar mais para ser mais**: O Etnodesenvolvimento como uma perspectiva para o Etnojornalismo. Revista do Núcleo Histórico Socioambiental – NUHSA, -V 1,N.3: Editora UFRR; Outubro, 2014.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **A crise do Indigenismo**. Roberto Cardoso de Oliveira. Campinas: Editora da UNICAMP; 1988.
- OTRE, Maria Alice C. **Comunicação Popular**: alternativas desenvolvidas por jovens indígenas das aldeias do Jaguapiri e Bororó em Dourados/MS. Dissertação de Mestrado Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2008.
- PEREIRA, Zineide Sarmento. **O Movimento Indígena em Roraima**: A Construção de um sujeito político (1970-2000), Zineide Sarmento Pereira-Rio de Janeiro; UFRJ, IFCS, 2003.

RAMOS, Alcida Rita e LAZARIN, Marco Antonio. **Assembléia de Tuxauas do lavrado in: Povos Indígenas no Brasil / CEDI, 1985, p. 78.**

REPETTO, Maxim. **Movimentos indígenas e conflitos territoriais no estado de Roraima.** Boa Vista: Editora da UFRR, 2008.

SANTILLI, Paulo. **Pemongon Patá:** território Macuxi, rotas de conflito. São Paulo: UNESP, 2001.

SIDEKUM, Antônio. (Org.) **Alteridade e multiculturalismo.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

THOMPSON, Jhon B. **A nova visibilidade.** Revista Matrizes. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. ECA/USP. Vol.1, N. 2, 2007.